

Resenha

KLARE, Michael T. *Resource Wars: the new landscape of global conflict*. Nova York: Metropolitan Books, 2001. 289p.

Carlos José Crêspo Santos¹

Publicado em 2001, o livro “*Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict*”, foi escrito por Michael T. Klare, atualmente professor de Estudos de Segurança e Paz Mundial no *Hampshire College* (Amherst, Massachusetts, EUA). Além disso, o autor é diretor de cinco programas na mesma universidade sobre segurança e paz, bem como tem diversas obras publicadas relacionadas à mudança da natureza da guerra, tais como: “*Blood and Oil: The Dangers and Consequences of America's Growing Dependency on Imported Petroleum (American Empire Project)*” e “*The Race for What's Left: The Global Scramble for the World's Last Resources*”, todas sem tradução para o português.

Ao longo de 290 páginas, subdivididas em nove capítulos e apêndices, o autor nos remete às mudanças estratégicas dos Estados no que se refere a políticas de segurança e controle de recursos naturais estratégicos. Seu texto gravita desde as mudanças dos parâmetros da segurança global até cenários de conflitos que atravessam todos os continentes. O leitor é levado a analisar como, especialmente a partir do início do século XX, os Estados começaram a focar e conflitar por posições estratégicas.

A ideia central do livro é apresentada já no título do primeiro capítulo - *Riqueza, recursos e poder: alteração de parâmetros de segurança global* -, onde procura demonstrar que a disputa por recursos e poder é uma constante no mundo atual, mas que foi maximizada após os ataques terroristas do 11 de Setembro após a articulação de uma rede mundial encabeçada pelos EUA visando a destruir o controle islâmico do suprimento global de petróleo. As principais estratégias

¹ Resenha elaborada como requisito de conclusão da disciplina de Estudos Avançados de Ciência Política do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFPE, ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo de Almeida Medeiros. O autor é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestre e Doutorando em Ciência Política pela UFPE.

estadunidenses utilizadas desde então tem sido a proteção de aliados e a garantia de acesso aos recursos, o que fez com que conflitos no Oriente Médio ficassem mais constantes e que novos panoramas, atores e forças surgissem em troca de apoio militar por acesso ao óleo. Essas disputas por recursos estratégicos podem incluir não apenas petróleo, mas também água e minérios.

Entre as décadas de 1940 e 90, a estratégia predominante dos EUA foi a de criar e manter alianças capazes de conter e, se necessário, destruir a União Soviética. Com o fim da Guerra Fria essas alianças são mantidas, mas os objetivos são diferentes. A proteção de recursos globais e o acesso aos mesmos passam a ser mais focados.

Dentro os novos objetivos estabelecidos, está o de desenvolvimento de operações de apoio às ex-repúblicas soviéticas e, assim, mostrar a força dos EUA no Mar Cáspio, local onde se encontra cerca de 12,5% do gás e 6,6% de todo o petróleo mundial. Essa atenção se deve ao fato de o Golfo Pérsico tender mais a conflitos e, nesse caso, os recursos cáspios supririam a demanda estadunidense. Assim, a intervenção na região demonstra o processo de transformação da política de segurança dos EUA, cuja prosperidade também depende da estabilidade das regiões-chave das quais extrai seus recursos estratégicos.

De forma semelhante tem agido a Rússia, com a sua doutrina de segurança e competição por influência em suas esferas tradicionais. Em meio a isso, as instituições internacionais passaram a participar do processo como na criação de regulamentos como os Direitos do Mar e o estabelecimento da Zona Econômica Exclusiva. Ambas trouxeram novos desafios ao ambiente internacional, entendendo que não há como explicar a dinâmica global sem falar da competição por recursos, inclusive os futuros decorrentes do desenvolvimento de tecnologias para explorar recursos hoje inexploráveis.

Entende-se, a partir disso, que os novos estresses do sistema internacional são a expansão da demanda mundial por petróleo e gás, a emergência de novas áreas com recursos vitais e a proliferação de contestações fronteiriças. As duas primeiras são frutos da competição entre Estados e a última é geradora de conflitos. “*Resource Wars*”, então, reúne conflitos em relação à posse e controle de materiais críticos vitais e que serão ou poderão ser motivos de grandes conflitos no século XXI.

Uma das principais hipóteses do livro é a de que nenhum recurso ocasionará tantos conflitos nesse século quanto o óleo. É o que nos é apresentado no Capítulo *Óleo, geografia e guerra*. Com um papel central na economia global, nenhum acordo já firmado tenderá a resistir ao uso das armas. Exemplos disso estão no Oriente Médio e no Mar Cáspio ou, de um modo mais geral, em todas as questões que afetem o ambiente de segurança global, principalmente em se falando de recursos controlados por adversários.

Todos os conflitos por óleo começaram no século XX, quando ele se tornou essencial para a guerra, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando os veículos de combate começaram a empregar óleo para sua locomoção. Ter um recurso pode facilitar seu uso como elemento de barganha no comércio internacional e, assim, sufocar o inimigo. Isso influencia permanentemente a estratégia europeia e americana, gerando dependência e exigindo o desenvolvimento de políticas estratégicas de forma a tornar essa dependência administrável.

A busca pelo controle de reservas de óleo cru tomou força principalmente depois da crise do petróleo dos anos 70. Com o assustador crescimento do consumo mundial, a relação entre crescimento e demanda ficou cada vez mais acirrada. Isso porque o óleo é um dos combustíveis mais versáteis que existe, e cerca de 95% dos transportes circulam com derivados dele.

Estima-se que a demanda pacífica de petróleo não poderá mais ser mantida, em especial a partir de 2020, quando metade das reservas em exploração tiver sido consumida. É por isso que novas tecnologias, se desenvolvidas, permitirão um consumo cada vez mais rentável. Uma grande parte do problema reside também no fato de que poucos países controlam a maior parte das reservas mundiais, e o epicentro disso tudo é o Oriente Médio. Atrelado a isso, conflitos por rotas comerciais e fronteiras completam o rol das principais disputas por recursos em locais conhecidos como *chockepoints*.

A ocorrência ou não de um conflito por recursos está, assim, condicionada a um triângulo estratégico formado pela soma da política de segurança em relação ao óleo, pela dinâmica da demanda e do suprimento disponível para o Estado analisado e pela questão geográfica. Mediante isso, o autor passa a desenvolver exemplos de conflitos dos mais variados tipos nos capítulos seguintes.

O primeiro exemplo a ser analisado é o do Golfo Pérsico², tema do Capítulo *Conflito por óleo no Golfo Pérsico*. Nessa região é produzido quase 70% de todo o petróleo processado no mundo. A região sofre a interferência de atores globais como EUA e Reino Unido, graças a interesses estratégicos na área que detém 65% de todas as reservas mundiais de petróleo. Somente os EUA dobrarão a importação de petróleo da região até 2020.

Assim, a presença de tropas militares na região só tem aumentado. Essa política já vem sendo desenvolvida desde a Guerra Fria quando forças de ação rápida foram enviadas à região para entrar em ação caso houvesse invasão soviética e, na atualidade, buscando promover uma segurança regional que mantenha protegido os interesses americanos, inclusive com emprego militar caso seja necessário.

A estratégia americana é assistir militarmente os aliados bem como desenvolver uma cooperação comercial para impedir qualquer possibilidade de agressão externa. Há, no entanto, três cenários de conflitos mais emergentes. O primeiro deles seria se o Iraque invadisse de novo o Kuwait ou a Arábia Saudita. O segundo se o Irã fechar o Estreito de Ormuz³; e o terceiro se ocorrer uma revolta contra a família real saudita que a derrubasse do poder. Em todos esses cenários, o posicionamento do Irã seria muito considerado visto que é esta a nação que mais se opõe à dominação dos EUA na região e que, com os recursos que tem, poderia ameaçar os interesses dos EUA no Oriente Médio.

Outra região a ser considerada é a do Mar Cáspio. Temática do Capítulo *Conflito energético na Bacia do Mar Cáspio* -, essa região com grandes reservas de petróleo e gás natural tem gerado impasses principalmente sobre disputas territoriais e fronteiriças, onde se confrontam regimes autoritários, disparidades econômicas e rivalidades regionais. O principal ator nesse cenário seria a Rússia, o Estado mais presente no chamado novo “Eldorado do Óleo”, repleto de muitas novas reservas, e

² Santos e Matai (2010) nos dizem no artigo “A importância da industrialização do xisto brasileiro frente ao cenário energético mundial” que, atualmente, as análises sobre a geopolítica do petróleo mostram que a maior parte da oferta de petróleo mundial está localizada em países de forte instabilidade política, como nos países do Golfo Pérsico, na Rússia ou nos países do Golfo da Guiné, pontos que, na última década, têm colocado em discussão a vulnerabilidade do sistema de energia mundial.

³ De acordo com o Portal *Geography.about.com*, o Estreito de Ormuz é outro ponto crítico no fluxo de petróleo da região do Golfo Pérsico. Este estreito é acompanhada de perto pelos militares dos EUA e seus aliados, por ligar o Golfo Pérsico ao Mar da Arábia (parte do Oceano Índico), região onde estão Irã, Omã e Emirados Árabes Unidos.

com os EUA desejosos por construir projetos e acordos bilaterais que possibilitem a instalação de forças militares na região.

Esses interesses por parte dos EUA, foram reforçados principalmente após o governo Clinton⁴, quando houve um processo de militarização da região com aliados dos EUA. Como resultado disso, temos uma exploração descontrolada no Mar Cáspio. A alternativa principal seria o desenvolvimento de uma jurisdição compartilhada no Mar Cáspio, mas, se Klare questiona se isto seria realmente possível.

Qualquer cenário que se desenhe nos leva à áreas de instabilidade constantes, bem como aponta para conflitos que podem estar por vir. O desafio principal para a estabilidade regional reside em administrar alianças e acordos entre lideranças russas e os demais Estados da região. Outro desafio seria administrar as tensões constantes entre países pobres e ricos no entorno do Mar Cáspio, com suas instabilidades políticas internas.

Não muito distante e padecendo de problemas semelhantes, temos o Mar do Sul da China, tema do Capítulo *Guerras por óleo no Mar do Sul da China*. Área repleta de gás natural e óleo, a probabilidade de conflito é maximizada pelo aumento da busca de fontes energéticas, o qual cresceu mais de 90% entre 1977 e 1999, além de ser uma região de grande consumo energético (34% da demanda mundial). Como principais atores desse cenário estão Taiwan, China, Vietnã, Japão e Filipinas. Esses países confirmam as hipóteses de que os Estados desejam maximizar seus acessos à fontes de energia, bem como diminuir sua dependência de importações. Alguns dos países citados são totalmente dependentes de recursos extraídos do Mar do Sul da China, e tendem a querer firmar tratados para garantir o acesso ao mesmo.⁵ Esses Estados precisam de novas fontes para projetos

⁴Segundo Antonio Fernando Pinheiro Pedro, no artigo “Soberania afirmativa sobre nosso ambiente” (2013), temos que desde a época do governo Clinton a nação mais poderosa do planeta tem espalhado guarnições de suas tropas de elite, chamadas forças especiais, em todas as partes do mundo, não só para coibir a ação de terroristas, mas também para acompanhar de perto se o Estado Nacional em foco na região tem sob seu efetivo controle os conflitos sociais e recursos ambientais estratégicos presentes em seu território – leia-se, minério, água, combustíveis fósseis, biomas florestais e recursos biogénéticos e fármacos importantes.

⁵ De acordo com Rui Pedro Reis Pereira, no texto intitulado “A Questão do Mar do Sul da China no Contexto das Relações entre a China e os Países ASEAN” (2004), a China, Taiwan e Vietnã reivindicam a totalidade da área do Mar do Sul da China, ao passo que Filipinas, Malásia e Brunei reivindicam algumas zonas, perfazendo um total de seis países em litígio territorial e que a

domésticos de energia e que vem tendo demanda crescente constante, ao passo que os recursos se tornam cada vez mais escassos.

Uma vez que algumas das rotas comerciais mais importantes do mundo passam por essa região, há uma importância agregada na expectativa de encontrar novos recursos, a exemplo das Ilhas Spratley e a disputa entre Japão e China pelos recursos do seu entorno. A estratégia utilizada pela China tem sido a de estabelecer instalações e fazer exercícios militares na região. Isso tem levado os demais Estados interessados na área a recalibrarem suas políticas estratégicas. O Japão já externou interesse direto visto que 75% do seu óleo vêm do Golfo Pérsico e pede a cooperação dos EUA para solução da disputa.

Levando o leitor para a África no Capítulo *Conflito por água na Bacia do Nilo*, o autor passa a nos apresentar as disputas históricas e até bíblicas na Bacia do Nilo, devido aos seus sistemas hídricos. Como fatores complicadores temos o crescimento populacional, os projetos de irrigação e o desenvolvimento descontrolado das cidades. O autor afirma que cenários de uma escassez de água em curto prazo completam o rol de agravantes. A questão que se faz mediante isso é: será que o mundo poderá suportar esse crescimento?

Em um quadro de crescimento sustentável, ele mesmo responde que sim. O problema, na verdade, é crônico e global, aponta. Atualmente mais de 145 nações se incluem em casos de disputas fronteiriças nas quais existem fontes de água. Com essa conjuntura, intersecções políticas, econômicas e militares serão presentes nos conflitos.

Egito e Sudão encabeçam a lista de atores nesse cenário. Em ambos surgem constantemente zonas de conflito diretamente relacionadas ao aumento da demanda e a expansão populacional e industrial, as quais incidem diretamente no agravamento da situação criando, assim, um cenário prospecto a conflitos por água no século XXI. Tais conflitos podem prejudicar a sustentabilidade do uso do Nilo, fato que agravaria mais ainda a já combalida relação entre os Estados da região.

Em se falando do Rio Jordão, com fundamental importância em projetos de irrigação de Israel e da Jordânia, nos diz no Capítulo *Conflitos por água no Jordão*,

emergência de focos de tensão na zona está de alguma forma ligada a uma postura mais expansionista da China no período pós-Revolução Cultural, no sentido de recuperar os "territórios perdidos", dado que, na sua ótica, o Mar do Sul da China é indissociável da soberania chinesa.

Tigre-Eufrates e Bacia do Rio Indo -, que desde os anos 50 passa por desenvolvimento de planos diferentes para a sua exploração e canais independentes. O quadro não é diferente entre árabes e palestinos, especialmente após os anos 70 e houve poucas mudanças até então. É afirmado pelo autor que uma solução não militar é possível para ambos os casos através de um acordo de paz. Esses pontos fazem parte de uma agenda de discussão de paz na região e também incluem a Síria nos debates.

Na mesma ótica de análise, nos apresenta o caso do Tigre-Eufrates. Neste inexistente um plano de exploração compartilhada entre Turquia, Iraque, Síria e demais Estados que compõe a sua Bacia. A Síria já tira 85% de toda a água do Eufrates que cruza seu território, e o Iraque mais ainda, chegando a 100%. Como todos tem seus próprios planos de manejo de água, a situação dos países a jusante tende a ser crescentemente mais dramática. O autor aponta que somente um acordo que envolva todos os Estados da bacia e um plano de distribuição equilibrada poderá evitar um conflito maior.

O caso do Rio Indo não é diferente dos demais, afirma. Índia e Paquistão lutam na Bacia do Rio Indo, principalmente devido a disputas territoriais e fronteiriças. O foco maior é na região da Caxemira. Para tentar resolver a questão, negociações empreendidas por instituições internacionais tentam mediar a disputa desde os anos 60, mas o crescimento da demanda e da população, especialmente na Índia, requer cada vez mais o aumento do uso das águas do Indo, quadro agravado por políticas nacionalistas e xenofóbicas por parte de ambos.

Após abordar as disputas por óleo e água, o autor apresenta no Capítulo *Lutando por minerais da terra: Conflitos internos por minerais e madeira*, cenários de disputas por minerais e madeira. Não só água e óleo são fundamentais nas economias dos Estados, mas outros recursos também, tais como: ouro, diamantes, minerais estratégicos dos mais variados tipos. Crises políticas, somadas a brigas étnicas e antagonismos regionais, serão os possíveis causadores de conflitos. Angola, Serra-Leoa, Camboja e Congo estarão entre os envolvidos. Geralmente são áreas de antiga colonização europeia, com instituições estatais destruídas. Alguns deles, inclusive, já sofreram intervenções militares da ONU.

Dentre os principais causadores de conflitos estão insurgentes e separatistas que desejam controlar as fontes de riqueza do país. Também podemos citar outros

exemplos como o de Papua Nova-Guiné e a exploração descontrolada das minas de Bougainville aliado a um conflito étnico na região, ou o de Serra Leoa, que segue a mesma linha de raciocínio. A população local tem sentido pouco impacto do retorno dos lucros da exploração das minas de diamante e de bauxita, onde os chamados barões do diamante formaram suas milícias e guerreiam contra o governo.

A ascensão e queda de governos e o controle de minas de diamante na África estão no seio da questão de conflitos por minerais. Ao rol de Estados que tem esse tipo de conflito se juntam Indonésia, Malásia e Brunei, os quais empreendem disputas territoriais na Ilha de Bornéu. A exploração descontrolada tem causado a destruição de grandes extensões de floresta tropical. Além destes, Estados como Brasil e Angola também presenciaram conflitos por recursos. Nesses casos, suas elites têm invadido áreas indígenas para exploração ilegal. Mediante a esses prospectos, Klare declara que o desenvolvimento sustentável é o desafio das próximas décadas.

Nessa parte final da obra, Klare nos mostra no Capítulo *A nova geografia do conflito*, como há diversos cenários que podem ser observados a partir da análise de conflitos por recursos naturais. Aponta que há todo um sistema geopolítico interconectado, onde a expansão do controle de recursos naturais nas sociedades industriais modernas se tornou fundamental. Ainda assim, não se pode precisar um local ou tempo no qual um conflito ocorrerá, mas áreas fronteiriças tenderão a serem os maiores causadores de conflitos. Em síntese, os conflitos serão ocasionados por disputas com indígenas no Brasil, conflitos por diamantes e minerais na África Subsaariana, e por óleo, água e áreas florestais no Oriente Médio e Ásia, respectivamente. Tais cenários comprovam a hipótese de correlação entre recursos naturais e conflitos.

O fato é que desenvolvimento requer recursos, e muitas fontes estão em Estados com governos corruptos e instituições fracas. Assim, na visão estratégica americana, o uso da força para protegê-los será cada vez mais necessário. Para evitar esse processo, seria necessária uma cooperação global como canal de resolução de conflitos e acesso a recursos. Uma distribuição equitativa acompanhada de um projeto mundial de pesquisa e desenvolvimento de recursos alternativos é fundamental para a conservação de recursos escassos em nosso mundo.

É necessário um protagonismo de instituições internacionais científicas e tecnológicas que estudem o uso sustentável da água, óleo e minérios. Não que isso resolvesse tudo, nem evitaria todos os conflitos, mas ao menos ajudaria a amenizar a ocorrência dos mesmos, afirma o autor.

A chave do fim de conflitos por recursos se chama cooperação por ser uma forma mais saudável de exploração. Entre disputa e gerenciamento de recursos no século XXI, devemos optar pela segunda opção para assim podermos construir um sistema global de conservação e colaboração de recursos, conclui Klare.

Recebido em Fevereiro de 2015.

Publicado em Julho de 2014.